

O futebol jogado pela extrema direita francesa: uma abordagem do projeto de desdemonização do partido *Front National* a partir do futebol

Makchwell Coimbra Narcizo¹

Quando eles ganham é a nação branca negra árabe, quando perdem são os marginais do gueto. Eric Cantona

Resumo

O partido de extrema direita *Front National* tornou-se nos últimos anos uma das principais forças do cenário político francês. Com a substituição de Jean-Marie Le Pen por sua filha Marine Le Pen há uma suavização do discurso e da forma de se apresentar, buscando se afastar das caracterizações de extrema direita, o que é denominado interna e externamente como desdemonização do FN. Recentemente um fato curioso tem ocorrido, a família Le Pen dona do partido, tem se envolvido em polêmicas envolvendo o futebol, uma novidade em sua história. Busca-se no presente ensaio compreender o processo de desdemonização a partir das utilizações do futebol feitas pelos Le Pen e consequentemente o FN.

Palavras-chave: Front National; Desdemonização; Futebol.

Abstract

In recent years, the extreme-right-wing party Front National has become one of the main forces in the French political landscape. With the replacement of Jean-Marie Le Pen, by his daughter, Marine Le Pen, there has been a softening of the discourse and presentation style, aiming to distance itself from extreme right-wing characterizations. This is internally and externally referred to as the “desmonization” of the FN. Recently, an interesting development has occurred: the Le Pen family, who owns the party, has become involved in controversies related to football, a novelty in their history. This present essay seeks to understand the “desmonization” process through the Le Pen family's use of football and its implications for the FN.

¹ Doutor em História Social - PPGHI - UFU

Professor na Universidade Estadual do Piauí Uespi - Parnaíba

Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT - Diamantino

Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC Goiás - Estágio

Pós-Doutoral

Coordenador do GT Direitas, História e Memória ANPUH-GO

GEPAF/UFG - Grupo de Estudos e Pesquisa Aplicados ao Futebol

Keywords: Front National; Desmonization; Football.

Considerações iniciais

O esporte é um campo de disputas políticas, o futebol como o esporte de maior audiência e adeptos é necessariamente um grande campo para tais disputas. A seleção francesa de futebol é historicamente disputada por grupos políticos, funcionando em determinados momentos como afirmação da nacionalidade francesa, construída e reconstruída para atender a demandas específicas, em outros momentos tratada com uma ameaça à própria França.

As eleições presidenciais francesas de 2017 e 2022 comprovam o que já era notado há algum tempo, o real crescimento do partido de extrema direita *Front National* sob o comando de Marine Le Pen.

Parte da estratégia do *Front National* sob a gestão marinista é buscar suavizar seu discurso, na tentativa de se afastar das caracterizações de extrema direita². Tal tentativa de mudança de discurso é denominado por alguns estudiosos como Nonna Mayer (1999, 2013), Alexandre Dézé (2016) e Jean-Yves Camus (2015) de desdemonização do *Front National*. Na prática existe um projeto interno no partido com esse intuito suavizar a sua imagem no interior da democracia francesa. Apesar disso, o projeto de Marine Le Pen, mesmo que apresentado de forma suavizada,

² Apesar de ser utilizado de forma quase automática, o conceito extrema direita é algo recente, Jean-Yves Camus e Nicolas Lebourg (2015, p. 7), argumentam, tratando o caso europeu, especialmente francês, que veio ser utilizado de maneira mais cotidiana em meados dos anos 1980.

Dentro de uma perspectiva, de que não há consenso entre os partidos que são caracterizados como extrema direita, é possível agrupar os movimentos que assim são referidos por conta de seus objetivos, a esse respeito, Carla Brandalise (2005, p. 55) faz as seguintes observações: O extremismo de direita objetiva criar uma sociedade orgânica, supostamente harmônica, distante dos conflitos de classe, promovendo a “restauração” dos costumes, da família, da autoridade paternal e masculina. Concebendo a nação como entidade suprema, a compreensão do que seria o interesse superior dessa última é necessariamente anterior ao exercício das liberdades. O patriotismo é transformado num nacionalismo exacerbado. Apresentando-se em geral como revolucionária, entende assegurar uma identidade perdida no passado, a continuidade com uma época áurea. Ela não se reduz a uma classe ou categoria social, mas atinge um alvo privilegiado, as classes médias baixas, com frequência atingida sobremaneira em períodos de desestruturação social. Atualmente, seu público é ainda mais vasto. Engloba, inclusive, camadas populares que votavam geralmente à esquerda. É possível ainda fazer uma dupla distinção: a extrema direita, na qual os representantes aceitam a competição eleitoral, mesmo que apenas taticamente; a ultradireita, que congrega os grupos avessos a qualquer participação política democrática.”

pode ser caracterizado como um projeto autoritário de extrema direita, como defende Makchwell Narcizo (2019).

Sabe-se que, políticos com aspirações autoritárias, independente da vertente ideológica, utilizam o esporte como aporte político, especialmente o futebol, por ser este o esporte mais popular do mundo. Assim foi na Alemanha de Hitler, URSS de Stálin, Itália de Mussolini, Espanha de Franco, Jugoslávia de Milosevic ou nas ditaduras latino-americanas, como por exemplo a utilização da seleção brasileira de futebol por parte dos ditadores e especialmente o caso argentino da Copa de 1978.

A família Le Pen historicamente não é ligada ao futebol, não dá importância a ele, apenas faz uso dele para demandas específicas, como poderá ser visto a seguir, mas, chama à atenção que, o ponto 117 do projeto de campanha para as eleições de 2017, este trata especificamente do futebol. Uma pergunta torna-se pertinente: o que querem os Le Pen com o futebol?

A desdemonização do *Front National*

O *Front National* se coloca há décadas como um importante partido político francês, na medida que sua permanência entre os primeiros colocados para as eleições presidenciais nas últimas duas décadas é algo estabelecido. Dando a ele uma visibilidade grande, tanto na França quanto fora dela. O FN como apresenta Nonna Mayer (2015, p. 300–301), desde 1988 se mantém próximo da faixa de 15% dos votantes em primeiro turno para as eleições presidenciais, o que no contexto francês é um excelente percentual. Alcançando 14,4% em 1988, 15% em 1995, 16,9% em 2002, 10,4% em 2007, 17,9% em 2012 e 21,3% em 2017. Deve ser destacado que em 2007, o partido passa por uma importante reestruturação. No período de 1988 – 2017, o FN foi o 4º colocado em 1988, 1995 e 2007, 3º em 2012 e 2º em 2002 e 2017, alcançando em ambos o segundo turno. Desta forma, se mantém presente de maneira marcante na cena eleitoral francesa.

É importante destacar que o FN é um partido comumente caracterizado como um partido de extrema direita. O partido nasce no interior da *Ordre Nouveau*³, um movimento ultra nacionalista fundado em 1969, após a dissolução do grupo *Occident*, formado especialmente por

³ Dominique Albertini e David Doucet (2014, p. 24) apontam que o nome *Ordre nouveau* é uma homenagem ao partido neofascista italiano *Ordine Nuovo*.

estudantes de Paris, Lyon, Nice e Marselha. O surgimento do FN se dá com o fracasso de grupos de extrema direita tal como o *Occident*, fracasso inclusive eleitoral, na segunda metade da década de 1960, gerando fragmentações dentro da extrema direita francesa.

Nasce sob a tutela de Jean-Marie Le Pen e pelo conhecido militante de extrema direita François Duprat. A fundação oficial do partido foi em 5 de outubro de 1972, com o nome de *Front National pour l'unité Française* (FN), que mais tarde se tornaria apenas *Front National* (FN), com um tom marcadamente nacionalista, como mencionado acima. Em um período em que a direita francesa estava em descrédito, desde o fim da guerra franco-argelina, acentuado na década de 1970, o FN surge como uma nova possibilidade, uma espécie de restaurador da direita.

Para Michel Winock (2015, p. 12-13), o *Front National* de Jean-Marie Le Pen foi beneficiado por uma conjuntura de crise nos anos 1980, em certa medida ao restaurar o que seus antecessores haviam perdido, fazendo uma síntese de elementos da extrema direita e a construção do partido a partir disso. Mesmo ao captar as diversas mutações, não se livra da maldição autoritária. O que o autor chama de maldição autoritária caminha com o partido em toda sua trajetória, incorporada pela figura de seu principal líder e porta voz Jean-Marie Le Pen, que tornara o principal nome da extrema direita francesa.

O início do século XXI marca uma perda de força do FN, até então um partido tido como modelo entre as extremas direitas europeias. Com isso, efetua-se a transição de poder em 2011: sai Jean-Marie Le Pen e entra sua filha, Marie Le Pen. Entretanto, na busca por esse eleitorado genérico menos radical, algumas mudanças na imagem do partido são necessárias. Desta maneira, as mudanças projetadas anos antes por Bruno Mégret⁴, traduzidas como desdemonização, orientam o período marinista.

A partir da campanha eleitoral de 2011, ocorre o que estudiosos como Nonna Mayer (1999, 2013), Alexandre Dézé (2016) e Jean-Yves Camus (2015) tem chamado de desdemonização do partido. O projeto de desdemonização do *Front National* busca desvincular a imagem do partido das extremas direitas, em certa medida busca sair do campo político das extremas direitas, ou, pelo

⁴ Bruno Mégret é um importante nome da extrema direita francesa, com militância em movimentos ultradireitistas como o RPR-Rassemblement pour la République e o CAR-Comités d'Action Républicaine –liderado por ele mesmo até ingressar no FN na década de 1980, de que se tornará um de seus principais líderes até romper com Jean-Marie Le Pen, em 1998, quando fundará seu próprio partido: o MNR-Mouvement National républicain.

menos, convencer os eleitores disso. Se o FN, sob o comando de Marine Le Pen, traz isso como um projeto, por incomodar de tal forma o partido, podemos argumentar que o FN constrói sua história no interior da tradição da extrema direita francesa e europeia.

O projeto de desdemonização visa uma normalização do partido no interior do sistema político francês. No entanto, como aponta Nicolas Lebourg (2015, p. 139), a desdemonização se torna uma direitização da via política, não necessariamente das ideias, o partido busca se inserir de uma nova maneira no sistema político, mesmo o criticando.

Ponto marcante é que em junho de 2018 o partido muda de nome, passando a se chamar *Rassemblement National*, algo próximo de Reunião Nacional, demonstrando a intenção do partido em construir uma imagem agregadora e não de enfrentamento.

Lorella Sini (2017) atribui ao processo de desdemonização uma mudança de linguagem fazendo uma substituição do sentido da história, substituindo o “sentido da História” (“*le sens de l’Histoire*”) pelos “casos da História” (“*les aléas de l’Histoire*”). Não é sem importância, desta forma, que palavras que são carregadas de significados como “Holocausto”, “Ocupação” e “Colaboração” são ressignificadas no interior do discurso marinista, sendo usadas abusivamente com um sentido metafórico, e sem letras maiúsculas, para se referir ou se aproximar de eventos mais atuais. Com isso, sobre uma possível caracterização da estratégia retórica de Marine Le Pen afirma que é possível dizer que os seus desenvolvimentos argumentativos são ambíguos, muitas vezes construídos e marcados por inflexões verbais excessivas para estigmatizar seus antagonistas, ou designar um bode expiatório (os “imigrantes”, o “sistema”). Tais elementos linguísticos caracterizam o que chama de “desordem do discurso”.

Partindo do pressuposto que a desdemonização é uma mudança radical na forma como o partido é apresentado, mesmo não sendo tão marcantes assim as mudanças de sua orientação, ainda de extrema direita, o que a desdemonização busca camuflar, busca-se aqui uma interpretação das maneiras como o *Rassemblement National* usa o futebol, sendo um ponto possível em seu projeto de desdemonização.

Os Le Pen e o futebol

Há no plano de campanha presidencial de Marine Le Pen de 2017, *144 Engagements présidentiels*⁵ duas propostas que tratam diretamente o futebol, algo novo na história do partido e dos Le Pen. Assim sendo, antes de falarmos especificamente sobre a proposta n 117 do referido plano de campanha, tracemos um breve panorama sobre a relação dos Le Pen com o futebol, que envolve polêmicas com jogadores como Thuram, Zidane, Ibrahimovic e Benzema.

Os Le Pen não se envolveram em polêmicas futebolísticas até 1996, quando em uma entrevista, Jean Marie Le Pen⁶ disse “nas outras seleções os jogadores cantam o hino com todo o fervor, enquanto na seleção francesa muitos jogadores não cantam o hino ou parecem não saber a letra ... acho meio artificial recrutar jogadores do exterior e chamar de seleção francesa” (Le Bleu, 2016: 3 ',26 "). Mas obviamente, Jean Marie Le Pen não parou por aí, algo que caracteriza as polêmicas que ele se envolveu em sua carreira política, ele tem o hábito de estender suas ofensas por semanas. Logo depois, os chamou de “de maus cidadãos franceses e não patriotas.” (Le Bleu, 2016: 3 ',42 ")

O interessante na declaração é que dos 22 jogadores só Marcel Desailly não nascera em território francês, nascera em Gana. Mas neste caso, há um problema que marca os embates do *Front National* em sua empreitada política. O partido nasce, como tratado acima, no interior de um grupo nacionalista de extrema direita, o *Ordre Nouveau*, fazendo uso do nacionalismo em toda sua trajetória, inclusive sob a gestão marinista. O FN com Marine Le Pen cria uma noção de tradição em que possa se enquadrar. Trabalhando com ela para mostrar que o FN se insere em tal tradição. A tradição que trata é pautada em valores que ela escolhe cuidadosamente, ponto central é seu discurso de a França ser a luz do mundo e que tal luz, tem sido apagada por sucessivos governos que deixam cultura e tradição serem destruídos.

Após as declarações de Jean Marie, Lilian Thuram prontamente respondeu “é estranho que alguém que queira ser presidente da França não saiba que a exigência para estar na seleção francesa não é a cor da pele, mas a cidadania. É estranho que não saiba que há franceses de todas as cores” (Le Bleu, 2016: 3 ', 50")

⁵ 144 Compromissos presidenciais.

⁶ Jean Marie Le Pen, um dos fundadores do partido *Front National* e presidente do mesmo até janeiro de 2011, conhecido por posições radicais e expressões xenófobas em seus discursos. Foi afastado completamente do partido após declarar que o holocausto/shoah fora apenas um detalhe da Segunda Guerra Mundial.

Por ocasião do título dos *Bleus* em 1998 como aponta Airton de Farias em seu livro *Uma História das Copas do Mundo: futebol e sociedade* (2014, p. 18), “Jean-Marie Le Pen não reconhecia essa seleção por não se tratar, segundo ele, de uma seleção verdadeiramente francesa, visto que 13 dos 22 jogadores tinham origem estrangeira”, o autor ainda mostra que o então presidente do FN (2014, p.202) defendia uma seleção “nativa”. Tais argumentos encontram sentido dentro das críticas ao então presidente Jacques Chirac, visto pelo FN como criador de uma política de integração que prejudicava a cultura e povo francês.

Daí para frente, o então presidente do FN passa usar a seleção francesa para atender suas demandas, visto que pelo grau de passionalidade que a envolve, as polêmicas em torno dela ganham repercussão quase que instantânea, além de trazer em seu interior as questões do conturbado cenário político francês. Sendo em parte resultado dele e em parte, dependendo da forma como esses temas são tratados, dão ressignificado para eles. Assim, os resultados em campo, ganham um marcante e perigoso contorno político.

O futebol é um catalizador de sentimentos e de memórias, que também é um sentimento, sendo esse passível de gestão e controle. Jacy Seixas (2009) defende que há duas facetas da memória que se entrelaçam, a memória voluntária e memória involuntária. Sendo a memória voluntária (p. 44) uma memória que está nos movimentos mais pragmáticos da vida, que faz parte das camadas mais superficiais da própria memória, desta forma, é mais palpável. A historiografia atenta para os procedimentos voluntários da memória, os que de certa maneira são mais facilmente racionalizáveis ou enquadráveis por determinados padrões de racionalização, no caso, historiográficos, entretanto, a própria memória escapa a esse enquadramento. Já a memória involuntária, é mais fluida e descontínua que a memória voluntária; faz parte de nossas vidas, no entanto, não temos o controle de quando as lembranças vêm e quando “voltam”.

A autora prossegue (p. 47), defendendo que na concepção bergsoniana, memória voluntária e memória involuntária caminham lado a lado; em Proust, a memória involuntária é instável e descontínua, não vindo para preencher os espaços em branco, supõe as lacunas e constrói-se com elas. O mais importante é que “ela não soma nem subtrai, ela *condensa*”. Desta maneira chama-se a atenção aqui para o fato do futebol ser um grande catalizador de memórias,

voluntárias e involuntárias, na medida que ele juntamente com memórias, demarcáveis coletivamente ou não, traz juntamente com as memórias afetos.

Assim sendo, o que os Le Pen percebem é que o futebol passa ser uma importante ferramenta na gestão se sentimentos, na medida que é possível gerir a memória, na medida que memórias que envolvem o futebol são memórias com cargas afetivas marcantes. Portanto, o trato dos Le Pen para com o futebol não se trata de uma modificação no gosto futebolístico da família, mas uma percepção de que sua utilização é fundamental.

Por ocasião da Copa do Mundo de 2006 Jean-Marie Le Pen, candidato à presidência da República na França pelo *Front National* surge com um discurso de “A França para os franceses” neste caso, uma França sem imigrantes, sem árabes, orientais e negros, logo, uma seleção francesa de futebol que refletisse isso. Em um discurso disse que a seleção francesa tinha muitos negros. Jean-Marie Le Pen defendia, na ocasião, uma França nascida da aliança entre Clóvis, rei dos Francos, e a Igreja Católica Apostólica Romana. Para ele, ser francês é descender desta aliança, portanto, Jean-Marie Le Pen defendia que os “novos franceses”, principalmente imigrantes da França além-mar, ou seja, das ex colônias não deveriam ter acesso à cidadania francesa e automaticamente a seleção francesa.

Como não poderia ser diferente, as afirmações do então líder do FN repercutiram negativamente, tanto na sociedade francesa de um modo geral quanto no mundo esportivo. Lilian Thuram, um dos líderes daquela seleção e um dos principais nomes do título francês em 1998 e um desafeto de Jean-Marie Le Pen, lembrando que fizera os dois gols na vitória de 2 x 1 contra a Croácia na semifinal, respondeu a Jean-Marie Le Pen dizendo: “Não sou negro, sou francês”, e prosseguiu “ele quer ser presidente e não conhece a história do país, isso é grave e surpreendente.” As afirmações do jogador geraram um debate entre os dois, o político respondeu que “poucos jogadores franceses cantam a Marselhesa”, quando é executada, antes dos jogos internacionais. “Essa é uma afirmação um pouco estúpida... não é porque o jogador canta o hino ou não que sente mais ou menos francês”, observou Thuram em entrevista coletiva e deu fim ao assunto dizendo “se alguém vir o Le Pen por aí, diga que se ele tem algum problema em ser francês, nós não temos”. (Le Bleu, 2016)

Outro caso emblemático consiste nas afirmações que Marion Le Pen, então deputada parlamentar, sobrinha de Marine e sua herdeira política postou em sua conta no *Twitter* com os seguintes posts “Nascido e formado em nosso país, #Benzema tornou-se multimilionário graças à França em que ele cospe hoje. Indigno. (*Twitter*; 01/06/2016 – 07:15) postando logo depois “#Benzema: ‘A Argélia é o meu país França é apenas para o lado do esporte.’ Deixá-lo jogar no ‘país’ se ele não está feliz!” (*Twitter*; 01/06/2016 – 07:19), em resposta a afirmações de Karim Benzema dizendo que seu país de coração era a Argélia e que a França era seu país apenas por questões profissionais. O caso de Benzema é mais complexo que o caso anterior, em primeiro lugar pela figura de Karim Benzema, que na Copa do Mundo de 2014 no Brasil recusou-se a cantar o hino francês, além de cuspir no chão enquanto ele era entoado, ao ser indagado sobre defendeu que marsehesa é uma canção sanguinária e racista, em outras oportunidades fora acusado de jihadista, algo que jamais negou. Na Copa de 2018 não foi convocado e em 2022 foi cortado, mesmo tendo condições de jogo a partir da segunda fase do torneio.

O caso é mais complexo porque Marion não é Jean-Marie, ela é mais próxima de Marine, que busca uma reordenação do partido no que diz respeito a sua forma, mesmo apresentando aspectos comuns em sua essência, a desdemonização, como aponta estudiosos como Jean-Yves Camus (1996; 1997; 2006), Alexandre Dézé (2016) e Nonna Mayer (2013), nota-se que sua crítica no caso Benzema se dá por conta de sua postura enquanto a França, não se trata de um purismo étnico como o de Jean-Marie, visto que nenhum outro jogador de origem estrangeira é criticado, mas um que tem uma postura que ofende a “grandeza da França”, algo tão presente nos dois planos de campanha de Marine Le Pen⁷.

Dominique Vidal (2011) destaca que o eixo central da xenofobia da extrema direita francesa usada como capital político do FN tem se deslocado da raça para a religião, ou seja, o foco passa a ser o praticante da religião islâmica o que chama de “islamofobia”, o que fica evidenciado no projeto político e discursos de Marine Le Pen. Karim Benzema é mulçumano, até aí sem problemas, jogadores como Pogba, Kanté, Sissoko e Sagna também são, mas o problema consiste, como vimos em seu post no *Twitter*, um mulçumano que desdenha da França, não se sente francês e

⁷ Pour que vive la France – Plano de campanha de 2012.
Au nom du peuple – Plano de campanha de 2017.

não se importa com isso, alguém que não quer assimilar a cultura francesa. Caso semelhante ocorreu com Franck Ribery, que “desdenhou” da seleção francesa ao pedir dispensa por questões físicas e no outro dia estava se divertindo em um iate particular. Na prática, Benzema é a personificação do imigrante que a nova conjuntura do FN enxerga como uma ameaça, ele é o tipo de imigrante que deve ser expurgado, segundo a reorientação do partido, não que isso não possa mudar no futuro, criando novos “modelos”.

Marine Le Pen pouco fala de futebol, pouco se expressa à respeito, entretanto, se envolveu em uma polêmica com o sueco Zlatan Ibrahimovic em 2013, por ocasião da derrota do seu então time o Paris Saint-Germain para o Bordeaux o sueco proferiu a seguinte frase “em 15 anos nunca tinha assistido a uma arbitragem tão má, este país de m... não merece o PSG, somos demasiado bons para este país” (*Twitter* 01/06/2013 – 11:15), logo depois Marine Le Pen sugeriu que Ibrahimovic deixasse o país, alegando que sua declaração fora insultuosa para com o povo francês, povo aliás, que é um dos pilares de suas campanhas eleitorais, 2017 e 2022. Logo depois o jogador pediu desculpas e disse que estava com cabeça quente após o jogo, o que não surtiu efeito nenhum na postura da presidente do *Front National* que defendeu que o futebol não deve ser algo apenas para avidar o lucro, em clara alusão aos donos do PSG.

É curioso que no projeto presidencial de Marine Le Pen para as eleições de 2017, no ponto 117 podemos ler

Apoiar clubes pequenos para permitir a presença de um máximo de jogadores em clubes profissionais franceses e para lutar contra a financeirização do esporte profissional. O reforço das ações contra a violência no desporto amador e impor estrito respeito da laicidade e neutralidade em todos os clubes desportivos. (LE PEN, M. 2017, p.17)

Pois bem, não fala apenas do futebol, visto que no ponto anterior fala de esporte de um modo geral, mas é inegável se direciona ao futebol, nunca é demais lembrar que os dois principais times franceses, considerando a tabela da Ligue 1– 2016/2017, hoje têm donos não franceses e, ainda por cima do mundo árabe.

Nota-se que o subtópico “*Une france qui transmet et se transmet*⁸” reúne propostas específicas que vão na direção de valorizar e divulgar a cultura francesa, tal como a 101 que propõe

⁸ Uma França que transmite e que é transmitida. N.T. No projeto, está falando de transmitir conhecimento, mas não usa nos artigos 101 a 107 nada que tenha remetido a “*se transmet*”. Sendo mais um jogo de palavras, mas que também denota a intenção de que o país se “imponha” (ao suprimir idiomas estrangeiros em certas séries escolares), não o contrário. Na tradução opta-se por manter o jogo de palavras, mesmo esse não tendo o mesmo impacto em português.

que a aprendizagem do idioma francês e história francesa sejam reforçadas nas escolas primárias e que o ensino da língua francesa ocupe a metade do tempo, contém propostas, tal como a 105 que buscam valorizar a igualdade de oportunidades entre os franceses, desde a escola até a universidade. O subtópico “*Une france qui crée et qui rayonne*”⁹ apresenta propostas que criam a sensação que a cultura francesa é viva e em movimento, logo, envolvendo e direcionando a todos, com isso a proposta 108 visa fortalecer a rede de escolas primárias e escolas secundárias francesas em todo o mundo, dentre outras propostas para valorizar escolas que apoiem o artesanato local, tal como a 112, a 116 busca apoiar jovens franceses que representem a França em competições esportivas e a 117 apoiar clubes esportivos que trabalhem com jovens exclusivamente franceses. Assim, é possível notar que o futebol está contido em um projeto nacionalista.

Considerações finais

Frente a isso, é possível perguntar, o que pretende Marine Le Pen com o futebol? Ou, mudou algo no que diz respeito a sua visão sobre o esporte? Para buscar responder essas indagações é necessário comparar os planos de governo das três campanhas, do plano presidencial para as eleições de 2012 *Pour que vive la France*, para o plano de 2017 *Au nom du peuple Oui! La France*, plano de 2022. Existe uma vasta ampliação de foco, se antes o centro de suas críticas era o “globalismo” e o que decorre dele, o plano de 2017 é mais polissêmico, não descartando a “globalização” e questões como a imigração, mas faz com que grupos específicos sejam tratados diretamente, como jovens, empresários franceses, desempregados, mulheres, crianças dentre outros, fazendo uso de uma noção genérica de povo francês para unir esses grupos, desta forma, uma melhor atenção para o futebol é fundamental, por isso o uma atenção especial para ele em seu plano de campanha. Polissemia ampliada para o plano de 2022, focando no plano anterior e o ampliando, adicionando como pautas a causa animal e dando maior centralidade para questões ambientais e climáticas.

Portanto, não é que passaram a amar o futebol, apenas notaram nele um importante mecanismo de coesão, visto que este faz parte da vivência do povo francês. A busca pela gestão dos sentimentos e da memória passa pelo futebol. Com suas posturas frente ao futebol, podemos ver as transformações que o partido passa, de uma extrema direita tradicional com Jean-Marie Le Pen para

⁹ A França que cria e que irradia.

algo que podemos chamar “extrema direita republicana” com Marine Le Pen, que mesmo trazendo em seu DNA ideais sectários, xenófobos e extremistas, busca mexer na forma como essa mensagem é passada para se adequar aos ideais democráticos e atingir grupos distintos, passando necessariamente pelo processo de desdemonização do partido.

As utilizações que Jean-Marie Le Pen faz sobre o futebol são diferentes das feitas por Marion Le Pen e Marine Le Pen, com elas é possível notar modificações na postura do partido, enquanto Jean-Marie Le Pen foca diretamente no que ele interpreta como estrangeiro, faz um ataque exaltando a cultura francesa, ou seja, o problema deixa de ser o outro de forma natural, mas passa ser o outro que não se adequa aos moldes franceses, o que é corroborado por Marine Le Pen, que em sua fala busca deixar claro que só fala para defender a cultura francesa. Ambas não buscam o confronto ou “bate boca”, se colocam em uma posição superior por se consideraram guardiãs da cultura francesa, a intenção é não se exaltar, para não se parecer com um político de extrema direita.

Sendo assim, dificilmente veremos declarações por parte de Marine Le Pen ou Marion Le Pen semelhantes as de Jean-Marie Le Pen, em primeiro lugar porque o partido mudou sua forma de se apresentar, mas também porque o projeto de poder do FN entende que deve haver uma diversificação maior em sua plataforma, para que possam atingir um maior número de pessoas, o que fica claro em seu atual plano de campanha, com isso, não é de se espantar que o futebol ganhou um lugarzinho especial em seu projeto.

Referências

CAMUS, J-Y. *Extrémismes en France: Faut-il en avoir peur?* Toulouse: Milan, 2006.

_____. *Les Droites extrêmes en Europe*. Paris: Sueil, 2015.

_____. *Les Droites nationales et radicales en France*. Répertoire critique. Lyon: Presses Universitaires, 1992.

_____. *L'extrême droite aujourd'hui*. Toulouse: Milan, 1997.

_____. *Le Front National: Histoire et analyses*. Paris, O. laurens, 1996.

DÉZÉ, Alexandre. *Comprendre le Front National*. Paris: Breau, 2016.

_____. *Le Front National: à la conquête du pouvoir*. Paris, Armand Colin, 2012.

_____. *Le « nouveau » Front national en question*, Paris, Fondation Jean Jaurès, 2015

ECUVILLON, Pierre. *Le phenomene Le Pen: Analyse relationnelle, historique et esthetique d'une singularite politique*. 2015. 374f. Tese (Sociologie), Universite Paul Valery, Montpellier III, 2015. Montpellier, France.

FARIAS, Airton de. *Uma História das Copas do Mundo: futebol e sociedade (Volume 02)*. Fortaleza-CE: Armazém Cultural, 2014.

PEN, Marine Le. *Au nom du Peuple: 144 engagements présidentiels*.

_____. *Pour que vive la France*. Front National: Nanterre, 2012.

MAYER, Nonna. *Ces Français qui votent FN*. Paris: Flammarion, 1999.

_____. From Jean-Marie to Marine Le Pen: Electoral Change on the Far Right. In: *Parliamentary Affairs*, 2013. 66, 160–178.

NARCIZO, Makchwell. *A extrema direita francesa em reconstrução: Marine Le Pen e a desdemonização do Front National (2011-2017)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

VIDAL, Dominique. A perseguição ao Islã e o neofascismo. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03 de janeiro de 2011. <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=843>> (Acesso em 07 de setembro de 2014).